

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli

Parcere personis, dicere de vitiis.

Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas

Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 16 de Abril.

(NUMERO 5.

A affluencia de Collegios entre nós.

TAL he pelo nosso Brasil a multiplicidade de Collegios de educação, que d'aqui a pouco não haverá rua, e até beco, que não conte seu collegio. Os estrangeiros, que em tudo especulam, e que admiravelmente sabem tirar proveito da nossa muita somma de tolice, também derão em desfructar-nos neste ramo de industria. Qualquer francez, qualquer inglez, qualquer suiso, &c., qualquer abelha mestra desses paizes aporta a Pernambuco, e não tendo outro genero de vida, diz, que vem repartir comnosco das suas muitas luzes, estabelecendo collegios. E não he possivel, que o director de taes escolas seja hum rematado peralvilho, que perseguido pela policia do seu paiz, se atirasse aos mares, e viesse especular sobre a nossa lastimosa simpleza? Não poderá ser até algum facinoroso foragido? A senhora directora, ou mestra das nossas meninas quem sabe, se era em sua terra alguma faniqueira, alguma das muitas miseraveis, que por lá não tem meio licito de viver? Nada afirmo, nem nego a este respeito; mas o que tenho por certo, e averiguado he, que nos não hão de vir para cá madamas Campans, Genlis, &c. &c.

Entre tanto pululão Collegios estrangeiros por todos os cantos: e ninguem pergunta a estes sabios directores, a estas illustradas, e virtuosas Bonas quem são, e donde vierão. O Governo dor-

me a este respeito o somno da mais completa seguridade, como se ou estivesse inteirado da capacidade dos fundadores de taes estabelecimentos, ou a educação da nossa mais preciosa juventude fosse cousa indifferente. Nenhuma ingerencia, nenhuma inspecção tem o Governo do Brasil nesses Collegios alias tão publicos, de maneira que as primeiras ideias, as primeiras impressões, os primeiros sentimentos, os primeiros habitos, que tem de infundir-se em os nossos meninos d'ambos os sexos, parecem estar no caso de mercadorias: cada hum importa o que quer, compra, e vende, como bem lhe apraz.

No pouco, que tenho lido; hei-me informado, que em todos os tempos, e paizes, sejam quaes forem seus usos, e costumes, seja qual for a sua forma de governo, sempre a educação primaria mereceo não já cuidado, se não os maiores disvellos da parte do governo; porque o governo he o pai commu dos cidadãos; e não pode sem gravissimo erro, e incalculavel prejuizo fazer retracção do importantissimo negocio da educação dos meninos. Eu creio, (tal vez me ingane) que em França, e nos Estados Unidos d'America (paizes, que a cada passo tomamos por prototypos) não haverá individuo nacional, e menos estrangeiro, que abra seu collegio de meninos sem nenhuma interferencia do governo. Assim o dicta a boa rasão, ainda quando não hajão a este respeito leis positivas; porque taes Collegios po-

dem infundir na mocidade erros, doutrinas perigosas, prejuizos, e até exemplos de immoralidade; e parece-me absurdo, que o governo deixe a tal respeito plena liberdade a todo o mundo.

Nem se diga, que tal cuidado corre por conta dos pais, que de certo tirarão seus filhos dessas escolas, logo que forem infensas á sua boa educação; por quanto dos mesmos pais huns por atarefados em seus negocios não tem tempo de examinar essas cousas, outros, por ignorantes desconhecem o mal. Além disto há duas especies de educação; a domestica, e a nacional: aquella limita-se ao seio da familia, e não há duvida, que está toda a cargo dos pais; esta porém que se occupa de transmittir á mocidade os principios da Religião, da Moral, as noções preliminares das Letras, certas praticas, certos usos, e costumes, entendo, deve pertencer muito especialmente ao governo. A estas rasões acresce, que as escolas publicas ou sustentadas á custa do Thezouro, ordinariamente só as frequentão os meninos filhos de pessoas menos abastadas, e pobres, sendo os Collegios para os ricos, e poderosos: e como desta classe he, que sahem pela mór parte os altos funcionarios do Estado, a boa educação de taes meninos parece, deve merecer os maiores disvellos do governo.

Hum sujeito muito idolatra de tudo, que he novo, e principalmente de quanto nos vem do estrangeiro, já me pespegou na cara, que a minha humilde opinião a este respeito encontrava o § 24 Art. 179. Tit. 8.^o da nossa Constituição. Mas o que he, que dispõe esse paragrafo? Eilo — Nenhum genero de trabalho, de cultura, industria, ou commercio pode ser prohibido, huma vez que não se oponha aos costumes publicos, á segurança, e saude dos cidadãos. — Primeiramente este direito só pertence aos cidadãos Brasi eiros; e ainda a respeito destes entendo, que de-

ve sofrer modificações; porque assim como não he livre a qualquer vender substancias venenosas a titulo de que usa da sua industria, com muito maior rasão não se deve deixar a quem quizer, sem nenhuma informação, sem nenhum exame previo estabelecer escolas, e nelas ensinar o que bem lhe parecer; pois dest'arte mui facil será disseminar o erro, a heregia, a incredulidade, e os maus costumes. Tambem são industrias as artes da Medicina, da Cirurgia, da Pharmacia, a Obstreticia, e Advocacia; e entre tanto ninguem as pode exercer sem hum titulo, sem huma licença previa do governo. O § 5.^o do mencionado Artigo, a que alguns se apegão para justificar este total deleixo da educação, não he d'huma tolerancia tão extensa, e ilimitada, que venha a tornar huma verdadeira burla o Artigo 5.^o Tit. 1.^o da mesma Constituição na parte, que diz, que a Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio.

Se a Religião do Imperio pois he a Catholica Apostolica Romana, segue-se, que o Governo deve velar (pois deve velar na guarda da Constituição) para que a educação dos meninos brasileiros, quanto á parte Religiosa, seja toda Catholica Apostolica Romana. Não basta, a meu ver, que assim o exija dos Professores publicos, a quem paga para a instrucção primaria; porém cumpre-lhe examinar tambem a natureza desses Collegios particulares quer nacionaes, quer estrangeiros, ter cabal conhecimento de seus Directores, e Mestres, saber, que doutrinas ensinão, &c &c., a fim de os deixar continuar, se forem proficuos, ou de os mandar suprimir no caso contrario. Se taes objectos não tivessem importancia alguma, se o ensino, sua materia, e methodo fossem cousas indifferentes, e inteiramente arbitrias, para que as determina, e prescreve o Governo aos seus Pedago-

gos, e Preceptores?

Todo o mundo reconhece a grande vantagem, antes necessidade, de uniformar o systema de instrucção, e educação de hum povo; e sabe igualmente todo o mundo, que huma grande parte dos Inglezes segue as sceitas hereticas, e da mesma sorte alguns Francezes: e o que se deve esperar naturalmente dessa introdução livre de Collegios entre nós dirigidos por tal gente? Que ao mesmo passo, que a menina pobre aprende em as nossas escolas nacionaes a crer, a venerar, e amar tudo, que crê, e manda crer a S. Madre Igreja Catholica Apostolica Romana, huma Ingleza aventureira, huma Suissa, huma Franceza, huma Americana em seus collegios ensinarão ás nossas innocentes, e bellas Brasileiras, filhas dos Cidadãos mais grados, e ricos, que J. C., por ex. não está real, e perfeitamente no Sacramento da Eucharistia: que a Hostia consagrada he mera obreia, como por mofa dizem muitos desses hereges.

Em quanto os nossos meninos de familias pobres aprendem em as Aulas nacionaes os Dogmas principaes, os Mystérios, e maximas do Catholicismo, os Directores, e Mestres desses collegios estrangeiros insinuarão por ventura aos fillinhos do Negociante, do Magistrado, do Funcionario publico, &c. &c., que o Baptismo he mera cerimonia em nada precisa para a salvação eterna: outro cobrirá de apodos, e baldões a Confissão Sacramental, o Culto das Imagens, a Pureza da Santissima Virgem, a infallibilidade da Igreja, a gerarchia Sacerdotal, e o primado de ordem, e jurisdicção do Papa, a quem por escarneo, e odio chamão ante-Christo, &c. &c.: dest'arte em breve irão sabindo desses focos de heterodoxia huns Socinianos, outros Anabaptistas, outros Calvinistas, outros Presbyteranos, outros Lutheranos, outros Me-

thodistas, &c. &c.: mas sempre a dizer-se, que o Catholicismo continua a ser a Religião do Imperio!

Não imagine alguém, que pretendo advogar o detestavel, e ante-evangelico principio da intolerancia civil. Qual quer Brasileiro mesmo, depois de homem, depois do desenvolvimento da sua razão abandone muito embora (se a tanto chegar a sua cegueira, e desgracia) a sancta Fé, e seus pais: abraçe até o Mahometismo (se a tal ponto tocar a sua estupidez); mas em quanto meninos cumpre que todos os Brasileiros recebam a educação religiosa conforme ao Culto Catholico Apostolico Romano. Os filhinhos dos Protestantes, que habitão entre nós, ou sejam educados por seus pais, ou estes, que os mandem para os innumeraveis collegios dos seus paizes, e das suas sceitas. O ensino quer particular, quer publico he o alimento do espirito: e se a ninguem he licito vender comidas, ou bebidas falsificadas, e corruptas em attenção á saude do corpo; porque rasão ha se de deixar, que cada hum ensine erros, heregias, impiedades, venenos muito mais horriveis; por que tirão a vida d'alma, e tanto podem prejudicar á moral publica?

Fora disto nessa praga de directores, e mestres espalhadores de luzes em Collegios particulares bem podem vir bons hereges da escola do Barão d'Holbac, de Diderot, Helvecio, Dupuy, Voltaire, Rousseau, e mais sucia philosophante: e esses senhores, que sinceramente se compadecem do erro, em que vive todo o genero humano a respeito de certas crenças, he mais que provavel, ensinem aos nossos meninos excellentes principios: v. g. que a existencia de Deos he huma chimera produzida pelo temor dos fracos, ou

pela astucia dos Padres, que são todos huns velhacos: que a vida futura, e eternidade de penas, e recompensas são meros sonhos poeticos; que em nós não há, se não materia; que dor, e prazer são os unicos moveis das acções humanas; que virtude, e vicio não passam de convenções sociaes, e outros principios igualmente *bellos*, e patuscos. Talvez appareça algum, que elambuzado na philosophia do bom tom creia, e ensine, que todas as Religiões são pouco mais, ou menos a mesma cousa; que tanto monta crer com os Christãos, que J. C. he Deos e homem verdadeiro, como com os Mahometanos, que he hum simples Profeta; finalmente que a respeito de Religião tudo he indifferente; que depende do gosto de cada hum, como chitas, cassas, fitas, &c. &c. Que bellos cidadãos sahirão os meninos, que forem doutrinaados por taes mestres!

Outros inconvenientes podem resultar de taes Colegios estrangeiros, se não tão graves, todavia que não são para desprezar. Hum delles he sem duvida o grande estrago da Lingoa materna. As nossas meninas, e meninos sahem do Collegio de Ms. tal, de Madama qual, e de Mr. de tal papagueando em In-

glez, e em Francez, que admira; mas no Portuguez são huns pretinhos da Costa d'Africa, fallão, e escrevem miseravelmente. Eu não conheço methodo mais abreviado de dar o ultimo garrote á alias já tão adoentada lingoa do Camões, de Vieira, e Garret. Nesses Colegios ordinariamente pouco, ou nada se ensina de cozer. Dezenho, musica, dança, e mais dança. Educação-se meninas só para bai-les, e partidas: mas para esposas, e mãis, isso já se não usa; a costura he só para mulheres do meuçallo. As senhoras do grande tom não cozem, nem remendão; tudo pagão de fóra. A senhora, *comme il faut*, he hum machinazinha de dansar, de tocar, e cantar, de namorar, de parolar nas salas com os homens, e talvez de casar *pro formula*, e para ter quem a proveja de hum tudo, sem que ella tenha o menor trabalho.

Sei, que estas minhas ideias tem de desagradar a muita gente; mas eu digo francamente o que penso, sem ter todavia a presumpção de que as minhas humildes opiniões sejam oraculos; e por isso devem perdoar-me attentos os meus bons desejos de acertar. concorrendo para a prosperidade do meu paiz.

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 16 de Abril.

(NUMERO 5.

A affluencia de Collegios entre nós.

TAL he pelo nosso Brasil a multiplicidade de Collegios de educação, que d'aqui a pouco não haverá rua, e até beco, que não conte seu collegio. Os estrangeiros, que em tudo especulam, e que admiravelmente sabem tirar proveito da nossa muita somma de tolice, também derão em desfructar-nos neste ramo de industria. Qualquer francez, qualquer inglez, qualquer suizo, &c., qualquer abelha mestra desses paizes aporta a Pernambuco, e não tendo outro genero de vida, diz, que vem repartir connosco das suas muitas luzes, estabelecendo collegios. E não he possível, que o director de taes escolas seja hum rematado peralvilho, que perseguido pela policia do seu paiz, se atirasse aos mares, e viesse especular sobre a nossa lastimosa simpleza? Não poderá ser até algum facinoroso foragido? A senhora directora, ou mestra das nossas meninas quem sabe, se era em sua terra alguma faniqueira, alguma das muitas miseraveis, que por lá não tem meio licito de viver? Nada afirmo, nem nego a este respeito; mas o que tenho por certo, e averiguado he, que nos não hão de vir para cá madamas Campans, Genlis, &c. &c.

Entre tanto pululão Collegios estrangeiros por todos os cantos: e ninguem pergunta a estes sabios directores, a estas illustradas, e virtuosas Bonas quem são, e donde vierão. O Governo dor-

me a este respeito o somno da mais completa seguridade, como se ou estivesse inteirado da capacidade dos fundadores de taes estabelecimentos, ou a educação da nossa mais preciosa juventude fosse cousa indifferente. Nenhuma ingerencia, nenhuma inspecção tem o Governo do Brasil nesses Collegios alias tão publicos, de maneira que as primeiras ideias, as primeiras impressões, os primeiros sentimentos, os primeiros habitos, que tem de infundir-se em os nossos meninos d'ambos os sexos, parecem estar no caso de mercadorias: cada hum importa o que quer, compra, e vende, como bem lhe apraz.

No pouco, que tenho lido; hei-me informado, que em todos os tempos, e paizes, sejam quaes forem seus usos, e costumes, seja qual for a sua forma de governo, sempre a educação primaria merecco não já cuidado, se não os maiores disvellos da parte do governo; porque o governo he o pai commum dos cidadãos; e não pode sem gravissimo erro, e incalculavel prejuizo fazer retracção do importantissimo negocio da educação dos meninos. Eu creio, (tal vez me ingane) que em França, e nos Estados Unidos d'America (paizes, que a cada passo tomamos por prototypos) não haverá individuo nacional, e menos estrangeiro, que abra seu collegio de meninos sem nenhuma interferencia do governo. Assim o dicta a boa razão, ainda quando não hajão a este respeito leis positivas; porque taes Collegios po-

dem infundir na mocidade erros, doutrinas perigosas, prejuizos, e até exemplos de immoralidade; e parece-me absurdo, que o governo deixe a tal respeito plena liberdade a todo o mundo.

Nem se diga, que tal cuidado corre por conta dos pais, que de certo tirarão seus filhos dessas escolas, logo que forem infensas á sua boa educação; por quanto dos mesmos pais huns por atarefados em seus negocios não tem tempo de examinar essas cousas, outros, por ignorantes desconhecem o mal. Além disto há duas especies de educação; a domestica, e a nacional: aquella limita-se ao seio da familia, e não há duvida, que está toda a cargo dos pais; esta porém que se occupa de transmittir á mocidade os principios da Religião, da Moral, as noções preliminares das Letras, certas praticas, certos usos, e costumes, entendo, deve pertencer muito especialmente ao governo. A estas razões acresce, que as escolas publicas ou sustentadas á custa do Thezouro, ordinariamente só as frequentão os meninos filhos de pessoas menos abastadas, e pobres, sendo os Colegios para os ricos, e poderosos: e como desta classe he, que sahem pela mór parte os altos funcionarios do Estado, a boa educação de taes meninos parece, deve merecer os maiores disvellos do governo.

Hum sujeito muito idolatra de tudo, que he novo, e principalmente de quanto nos vem do estrangeiro, já me ppegou na cara, que a minha humilde opinião a este respeito encontrava o § 24 Art. 179. Tit. 8º da nossa Constituição. Mas o que he, que dispõe esse paragrafo? Eilo — Nenhum genero de trabalho, de cultura, industria, ou commercio pode ser prohibido, huma vez que não se oponha aos costumes publicos, á segurança, e saude dos cidadãos. — Primeiramente este direito só pertence aos cidadãos Brasi ciros; e ainda a respeito destes entendo, que de-

ve sofrer modificações; porque assim como não he livre a qualquer vender substancias venenosas a titulo de que usa da sua industria, com muito maior razão não se deve deixar a quem quizer, sem nenhuma informação, sem nenhum exame previo estabelecer escolas, e nelas ensinar o que bem lhe parecer; pois dest'arte mui facil será disseminar o erro, a heregia, a incredulidade, e os maus costumes. Tambem são industrias as artes da Medicina, da Cirurgia, da Pharmacia, a Obstreticia, e Advocacia; e entre tanto ninguem as pode exercer sem hum titulo, sem huma licença previa do governo. O § 3º do mencionado Artigo, a que alguns se apegão para justificar este total deleixo da educação, não he d'huma tolerancia tão extensa, e ilimitada, que venha a tornar huma verdadeira burla o Artigo 5º Tit 1º da mesma Constituição na parte, que diz, que a Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio

Se a Religião do Imperio pois he a Catholica Apostolica Romana, segue-se, que o Governo deve velar (pois deve velar na guarda da Constituição) para que a educação dos meninos brasileiros, quanto á parte Religiosa, seja toda Catholica Apostolica Romana. Não basta, a meu ver, que assim o exija dos Professores publicos, a quem paga para a instrucção primaria; porém cumpre-lhe examinar tambem a natureza desses Colegios particulares quer nacionaes, quer estrangeiros, ter cabal conhecimento de seus Directores, e Mestres, saber, que doutrinas ensinão, &c &c., a fim de os deixar continuar, se forem proficuos, ou de os mandar suprimir no caso contrario. Se taes objectos não tivessem importancia alguma, se o ensino, sua materia, e methodo fossem cousas indifferentes, e inteiramente arbitrarías, para que as determina, e prescreve o Governo aos seus Pedagogo-

gos, e Preceptores?

Todo o mundo reconhece a grande vantagem, antes necessidade, de uniformar o systema de instrução, e educação de hum povo; e sabe igualmente todo o mundo, que huma grande parte dos Inglezes segue as sceitas hereticas, e da mesma sorte alguns Francezes: e o que se deve esperar naturalmente dessa introdução livre de Collegios entre nós dirigidos por tal gente? Que ao mesmo passo, que a menina pobre aprende em as nossas escolas nacionaes a crer, a venerar, e amar tudo, que crê, e manda crer a S. Madre Igreja Catholica Apostolica Romana, huma Ingleza aventureira, huma Suissa, huma Franceza, huma Americana em seus collegios ensinarão ás nossas innocentes, e bellas Brasileiras, filhas dos Cidadãos mais grados, e ricos, que J. C., por ex. não está real, e perfeitamente no Sacramento da Eucharistia: que a Hostia consagrada he mera obreia, como por mofa dizem muitos desses hereges.

Em quanto os nossos meninos de familias pobres aprendem em as Aulas nacionaes os Dogmas principaes, os Mystérios, e maximas do Catholicismo, os Directores, e Mestres desses collegios estrangeiros insinuarão por ventura aos fillinhos do Negociante, do Magistrado, do Funcionario publico, &c. &c., que o Baptismo he mera cerimonia em nada precisa para a salvação eterna: outro cobrirá de apodos. e baldões a Confissão Sacramental, o Culto das Imagens, a Pureza da Santissima Virgem, a infallibilidade da Igreja, a gerarchia Sacerdotal, e o primado de ordem, e jurisdição do Papa, a quem por escarneio, e odio chamão ante-Christo, &c. &c.: dest'arte em breve irão sahindo desses focos de heterodoxia huns Socinianos, outros Anabaptistas, outros Calvinistas, outros Presbyteranos, outros Lutheranos, outros Me-

thodistas, &c. &c.: mas sempre a dizer-se, que o Catholicismo continua a ser a Religião do Imperio!

Não imagine alguem, que pretendo advogar o detestavel, e ante-evangelico principio da intolerancia civil. Qual quer Brasileiro mesmo, depois de homem, depois do desenvolvimento da sua razão abandone muito embora (se a tanto chegar a sua cegueira, e desgraça) a sancta Fé e seus pais: abraçe até o Mahometismo (se a tal ponto tocar a sua estupidez); mas em quanto meninos cumpre que todos os Brasileiros recebam a educação religiosa conforme ao Culto Catholico Apostolico Romano. Os filhinhos dos Protestantes, que habitão entre nós, ou sejam educados por seus pais, ou estes, que os mandem para os innumeraveis collegios dos seus paizes, e das suas sceitas. O ensino quer particular, quer publico he o alimento do espirito: e se a ninguem he licito vender comidas, ou bebidas falsificadas, e corruptas em attenção á saude do corpo; porque razão ha se de deixar, que cada hum ensine erros, heregias, impiedades, venenos muito mais horribes; por que tirão a vida d'alma, e tanto podem prejudicar á moral publica?

Fora disto nessa praga de directores, e mestres espalhadores de luzes em Collegios particulares bem podem vir bons hereges da escola do Barão d'Holbac, de Diderot, Helvecio, Dupuy, Voltaire, Rousseau, e mais sucia philosophante: e esses senhores, que sinceramente se compadecem do erro, em que vive todo o genero humano a respeito de certas crenças, he mais que provavel, ensinem aos nossos meninos excellentes principios: v. g. que a existencia de Deos he huma chimera produzida pelo temor dos fracos, ou

pela astucia dos Padres, que são todos huns velhacos: que a vida futura, e eternidade de penas, e recompensas são meros sonhos poeticos; que em nós não há, se não materia; que dor, e prazer são os unicos moveis das acções humanas; que virtude, e vicio não passam de convenções socias, e outros principios igualmente *bellos*, e patuscos. Talvez appareça algum, que elambuzado na philosophia do bom tom creia, e ensine, que todas as Religiões são pouco mais, ou menos a mesma cousa; que tanto monta crer com os Christãos, que J. C. he Deos e homem verdadeiro, como com os Mahometanos, que he hum simples Profeta; finalmente que a respeito de Religião tudo he indifferente; que depende do gosto de cada hum, como chitas, cassas, fitas, &c. &c. Que bellos cidadãos sahirão os meninos, que forem doutrinados por taes mestres!

Outros inconvenientes podem resultar de taes Collegios estrangeiros, se não tão graves, todavia que não são para desprezar. Hum delles he sem duvida o grande estrago da Lingoa materna. As nossas meninas, e meninos sahem do Collegio de Ms. tal, de Madama qual, e de Mr. de tal papagueando em In-

glez, e em Francez, que admira; mas no Portuguez são huns pretinhos da Costa d'Africa, fallão, e escrevem miseravelmente. Eu não conheço methodo mais abreviado de dar o ultimo garrote á alias já tão adoentada lingoa do Camões, de Vieira, e Garret. Nesses Collegios ordinariamente pouco, ou nada se ensina de cozer. Dezenho, muslca, dança, e mais dança. Educação-se meninas só para bai-les, e partidas: mas para esposas, e mãis, isso já se não usa; a costura he só para mulheres do meuçalho. As senhoras do grande tom não cozem, nem remendão; tudo pagão de fóra. A senhora, *comme il faut*, he hum machinazinha de dansar, de tocar, e cantar, de namorar, de parolar nas salas com os homens, e talvez de casar *pro formula*, e para ter quem a proveja de hum tudo, sem que ella tenha o menor trabalho.

Sei, que estas minhas ideias tem de desagradar a muita gente; mas eu digo francamente o que penso, sem ter todavia a presumpção de que as minhas humildes opiniões sejam oraculos; e por isso devem perdoar-me attentos os meus bons desejos de aceitar, concorrendo para a prosperidade do meu paiz.